



TEOLOGIA: formação crítica, compromisso social, inclusão de minorias

Prof. Dr. Luiz Longuini Netoⁱ

TEOLOGIA E FORMAÇÃO CRÍTICA

Imagine que você está com uma grave enfermidade e vai a um médico. Após exames ele diz: o seu caso é grave. Eu conheço um chá de ervas que a minha mãe aprendeu com a minha avó e eu aprendi com a minha mãe. Essa é a receita, tome três xícaras desse chá por dia e retorne daqui a 6 meses. Penso que você ficaria desconfiado. Não? Pois é. Na Igreja e nas faculdades de teologia acontece o mesmo. As pessoas desejam estudar teologia, mas não entendem que precisam fazer ciência.

Estudar teologia pressupõe que vamos deixar os ensinamentos da escola bíblica e dos sermões dos consagrados pastores/as, para adentrar em um novo mundo de conhecimentos. Estudar qualquer disciplina para qualquer profissão significa ir mais além do senso comum. O senso comum pode e deve ser o ponto de partida para todo conhecimento. O chá de ervas da avó do médico pode ajudar em alguma enfermidade. Todos sabemos do poder das ervas e das curas que elas oferecem. Os ensinamentos da escola bíblica e dos sermões foram e continuam sendo bons, mas estudar teologia requer algo mais. Cada coisa em seu lugar!

A faculdade de teologia não é igreja. Estudar teologia requer de todos nós o grande objetivo de termos uma formação crítica. E isso se torna um dever maior quando o curso de Teologia deseja caminhar de mãos dadas com as demais ciências da religião. O *logos* precisa ser entendido como um esforço racional e crítico para o discurso sobre o *theos*. Toda doutrina é um sistema racional, elaborado sobre o seu objeto de estudo. Esse discurso sobre o objeto precisa ser crítico, no sentido de que é feito com base em critérios e tais critérios não caem do céu. São critérios elaborados a partir da história bíblica, história do dogma, história das confissões de fé, história eclesial e todos os demais campos da propedêutica teológica – sobre tal tema, ver os artigos de Sandro Xavier, Celso Ramos e Marcelo Carneiro.



TEOLOGIA E COMPROMISSO SOCIAL

Toda pessoa que deseja estudar teologia deveria fazer as seguintes perguntas: o que eu vou fazer com o meu curso? A serviço de quem eu vou colocar a minha formação teológica? – E é claro que essas perguntas podem se aplicar a todas as profissões. Além disso, podemos avançar um pouco mais e indagar: o que eu desejo fazer com meu mestrado, doutorado e pós-doutorado? A serviço de quem coloco o meu intelecto?

Estudar teologia no Brasil, esse país de gigantescas desigualdades sociais, requer de todos um compromisso social com aqueles que estão à margem dessa sociedade exploradora e que empobrece cada vez mais a nossa população.

O grande exemplo de inclusão social nós encontramos em Jesus Cristo. A Palestina nos tempos de Jesus estava dominada política e militarmente pelo Império Romano e religiosamente dominado pelo povo judeu. É nesse contexto que Jesus Cristo anuncia o Reino de Deus, como sendo uma sociedade “alternativa”. Os habitantes desse reino é composto por pecadores, crianças, mulheres, prostitutas, pescadores, “coxos”, cegos, surdos, endemoninhados, ou seja, todas aquelas pessoas que não têm valor para aquela sociedade que os exclui. Essa gente que vive à margem da sociedade são, aqui, os cidadãos do Reino de Deus.

O compromisso de uma educação teológica verdadeira no Brasil de hoje precisa levar em consideração essa grande massa da população brasileira que vive à margem da sociedade, sem acesso à saúde, educação, moradia, trabalho e tantas outras coisas. Nesta direção, o compromisso social da educação teológica atravessa as várias camadas sociais da nossa sociedade e precisa levar em consideração tudo que nossos grupos sociais vivenciam, não só as questões econômicas e sociais, mas também, e especialmente, a questão religiosa.

É necessário que esse tema seja abordado sem preconceitos e sem demonização da religião do outro. A teologia não pode e não deve andar só. Ela precisa andar de mãos dadas com outras ciências.

No caso específico desta revista caminhamos unidos com a *Ciência da Religião*. Há o pressuposto do estudo sem dogmas confessionais – ainda que a confissão seja algo



necessária e historicamente relevante, contudo, sem ser prisão. cremos nisso e publicamos a Declaração Teológica de Barmen, documento que é fruto da ação e da resistência ao nazismo da Igreja Confessante da Alemanha, e com excelente introdução de Carlos Caldas.

Também é nosso objetivo que a pesquisa seja livre, relevante, que considere todas as matrizes religiosas e a necessidade de uma abordagem ecumênica com base na perspectiva do diálogo inter-religioso. A educação teológica está a serviço da Igreja, mas ela não é e nem deve ser propriedade da Igreja - ver os artigos de Heloísio de Oliveira e Helvio Telles.

TEOLOGIA E INCLUSÃO DE MINORIAS

Todos que estudam, pesquisam, analisam e conhecem, pelo menos um pouco do movimento pentecostal e das Igrejas pentecostais hoje, não conseguem imaginar que o início do movimento tenha sido um caso típico de exclusão/inclusão, marginalidade, perseguição, preconceito, violência.

A história de William Joseph Seymour é simplesmente maravilhosa, quando analisada hoje, após tantos anos. Seymour era negro, filho e neto de escravos, nasceu em Centerville, Louisiana, USA, em 2 de maio de 1870. Religiosamente, foi membro de uma Igreja Batista, mas seus ancestrais eram de religiões africanas.

No ano de 1905, mudou-se para Houston e passou a frequentar a recém-formada escola bíblica de Charles Fox Parham. Foi proibido de entrar na sala de aula. Por conta disso, estudou do lado de fora. Colocou uma cadeira ao lado da porta e ouvia as aulas de professores brancos que ensinavam sobre a Bíblia e o amor de Deus para atentos alunos brancos que ouviam tudo sobre como ser pastor, amar e servir às pessoas. Só que todos eles, professores e alunos brancos, não enxergavam o negro que se sentava do lado de fora da sala de aula, dia após dia. Não o enxergavam porque tinham os olhos, as mentes, os corações tapados pelo preconceito contra pessoas negras, preconceito este alimentado pela falsa interpretação dos textos bíblicos.



William cursou teologia com tenacidade, total dedicação, amor à Palavra de Deus e ao próximo. Ele tinha um profundo sentimento de espiritualidade que lhe tocava a alma e o coração. Entre os anos de 1906 e 1909 começou um movimento de renovação espiritual na Azusa Street (Rua Azusa) em Los Angeles, movimento este que iria abalar o mundo. Esse reavivamento era liderado por um pastor negro, filho e neto de escravos. As reuniões aconteciam no templo abandonado da Igreja Metodista Africana e, assim, iniciou-se o trabalho missionário e o avivamento que redundou no início do que hoje chamamos de pentecostalismo no mundo todo. Seymour pregava a unidade dos seres humanos em Cristo, o batismo com o Espírito Santo, oração em línguas estranhas, vida de santidade, amor ao próximo, realização de milagres pela fé. O movimento pentecostal nasceu assim, revolucionário, marginal, vencendo preconceitos. Nasceu num bairro pobre e marginal de Los Angeles (os anjos), em meio aos negros e negras que se sentiam possuídos pelo Espírito Santo de Deus. Seu líder foi um homem que havia trabalhado na ferrovia, em restaurantes, sub empregos e havia estudado no corredor da faculdade. Venceu tudo com esperança e fé, lutou pela inclusão daqueles que não tinham voz e nem lugar na sociedade, mas se sentiam acolhidos por Deus e pelo Seu Reino.

O que queremos afirmar e defender quando falamos que a educação teológica de qualidade deve ser inclusiva? Afirmamos que essa educação deve incluir todas as pessoas no processo educativo, sendo essas mesmas pessoas sujeitos do processo de formação, e não objetos. Ou seja, queremos uma faculdade de educação teológica em que caiba todas as pessoas.

Afirmamos que essa educação teológica formará líderes para igrejas que precisam estar preparadas para abrirem as suas portas. Igrejas em que caibam todas as pessoas, sem discriminações. A faculdade de teologia, seus estudantes, a igreja e todos os agentes que compõem esse processo devem lutar para transformar a sociedade – sociedade esta que caibam todos os tipos de pessoas.

Pensar em inclusão é isso: todas as pessoas precisam estar em todos os lugares, não há camarote nessa sociedade para uns poucos, não. Todos devem ocupar os camarotes. A sociedade deve ser um grande camarote.



Os debates contemporâneos sobre inclusão social colocam como prioridades a reflexão e a atenção sob quatro temas candentes e necessários, e que precisam ser levados a sério na nossa educação teológica, como: raça, gênero, afetividade e deficiência. A educação teológica, que visa também refletir e estabelecer pautas para a ação pastoral dos líderes religiosos e, conseqüentemente a missão da igreja no mundo, precisa urgentemente levar em consideração esses temas – para tanto, ver os artigos de Silvana Venâncio e Natasha Handam, Rachel Ferreira e Denise de Lima.

Estamos iniciando uma jornada. Desejamos que você aceite este convite e caminhe conosco. A Revista Faces - Teologia quer ser um auxílio no estudo e na reflexão teológica de qualidade, sem descurar dos grandes desafios sociais contemporâneos.

ⁱ Editor da Revista Faces – Teologia. Bacharel em Teologia. Licenciado em Filosofia. Mestre e Doutor Ciências da Religião.